

Analogias metamórficas na escrita de Dante e Levi: O canto de Ulisses

GAETANO D'ITRIA (UFRJ | CNPq)

RESUMO

Na escritura dantesca e leviana, os autores retomam claramente o mito de Ulisses de forma diferente. Entretanto, se Dante a partir de Homero ou Levi a partir de Dante, ambos o submetem a uma transformação, uma meta-morfo-se em que a escrita tradutória traça a sua própria escrita autobiográfica. Com a retomada do modelo ou da figura de referência, assistimos, então, a uma configuração de um novo princípio de construção, uma nova forma do dizer que ultrapassa a mera imitação.

PALAVRAS-CHAVE

Ulisses; Dante; Mito; Metamorfose; Tradução

ABSTRACT

In Dante's and Levi's writings, the myth of Ulysses is clearly recovered in different ways. However, whether it is resumed from Homer, as in Dante, or from Dante, as in Levi, both transform him, a meta-morph-osis in which translational writing traces its own autobiographical writing. With the resumption of the model or reference figure, we can witness, then, a configuration of a new construction principle, a new form of saying that goes beyond mere imitation.

KEYWORDS

Ulysses; Dante; Myth; Metamorphosis; Translation

Analogias metamórficas na escrita de Dante e Levi: O canto de Ulisses

GAETANO D'ITRIA (UFRJ | CNPq)

Gusdorf (1980: 23), filosofo francês do século XX, afirma, em *Mito e metafísica*, que: “O mito está ligado ao primeiro conhecimento que o homem adquire de si mesmo e de seu contorno: mas ainda, ele é a estrutura deste conhecimento”. A retomada do mito é de certo modo o caminho que, tentativamente, aproxima da origem, entendida não em senso temporal, mas como momento de insurgência de um modelo que o autor quer recuperar e, portanto, repetir.

Na retomada do mito do Ulisses de Homero, em Dante, e do Ulisses de Dante, em Levi, parece-me que o movimento da escrita dantesca e da escrita leviana estimule a entrever a repescagem de um mito que é subposto a uma transformação, a uma “meta-morfo-se”. Ao retomar o mito, o autor se utiliza dele, transformando-o, para dar corpo à sua própria escritura autobiográfica. Uma espécie de invocação da beleza poética, em alto estilo, para não apenas tomá-la emprestada como modelo de escritura, mas para criticá-la e figurar, a partir dela, um novo princípio de construção, uma nova forma de dizer que ultrapassa a mera imitação.

1. No inferno de Dante, a colocação das almas dos danados depende da relação entre delito e pena e elas são subpostas a uma dor física que continuamente se renova. Uma das características do inferno é aquela de punir os danados com base no “contrapeso” dos pecados cometidos na vida terrena e que liga a pena à culpa. Trata-se de um suplício infinito, cuja dor durará eternamente. Condenado ao inferno, no XXVI canto, o Ulisses de Homero não volta para casa (ao contrário do que acontece na Odisseia), e é transformado em uma alma punida ao eterno suplício, por ter enganado, com astúcia e sagacidade, os próprios companheiros e a si mesmo. Com sua alta imaginação, Dante faz do Ulisses um personagem que, por contar da sua própria morte, se torna testemunha dos acontecimentos. Na ficção dantesca, a viagem de Ulisses, que encontrará a danação eterna, “três vezes a fez girar com todas as águas e na quarta vez levantou a popa, e a proa foi mergulhando como a alguém apraz” (Inf. XXVI, 139-141),¹ se contrapõe à viagem do autor-personagem da Comédia, que alcançará as altitudes do Paraíso culminando na *visio dei* (Par. XXXIII, 127-132),

1. “Tre volte il fé girar con tutte l'acque; / a la quarta levar la poppa in suso / e la prora ire in giù, com'altrui piacque”. A edição da Divina Comédia de referência é Alighieri (1991). As paráfrases em português são de minha autoria.

“Aquele círculo, o segundo, que como eu o intendo/retenho, / etc.”²

Como sabemos, o mito do herói épico grego sofre uma completa metamorfose na escrita dantesca: ele não volta mais para sua casa e acaba morrendo, com todos seus companheiros, depois de ter feito o “*folle volo*”, o voo maluco, doido, de ter ultrapassado as colunas de Hércules, indo colidir contra a montanha do Purgatório. O âmago do mito de Ulisses, na alta fantasia de Dante, é a viagem louca do herói grego; uma empreitada realizada com o escopo de conhecer o não conhecível, o ignoto, o misterioso, enganando seus companheiros. Eis aqui um elemento importante no monólogo do Ulisses dantesco, que pretende alcançar sua destinação sem asas: “*dei remi facemmo ali al folle volo*” “fizemos dos remos umas asas para o voo maluco...” (Inf. XXVI, 125); “sem asas”, ou seja, sem instrumentos adequados. Para Dante é impossível e temerário alcançar o conhecimento sem a graça divina, e é justamente por isso que, na prece inicial à Virgem Maria do último canto do Paraíso, São Bernardo pede essa graça:

*Donna, se'tanto grande e tanto vali,
che qual vuol grazia e a te non ricorre
sua disianza vuol volar sanz'ali.* (Par. XXXIII 13-15)

Na paráfrase: “A Senhora é tão poderosa e valiosa que quem quer graça e não corre a ti, tem o seu desejo destinado à falência, como aquele que pretende voar sem asas”. A viagem de Ulisses, na escrita dantesca, é o testemunho de um modelo de vida pelo qual o homem não alcança a salvação, pois não se comverte, porque não confia, não se entrega a ninguém, não ama nada e ninguém, e sobretudo, ao não aceitar os próprios limites humanos, e sempre desejando ir além, não se satisfaz e não goza de cada conquista ou vitória. No poema, a viagem de Ulisses é continuamente contraposta à viagem do poeta-personagem, como quando, no começo do segundo canto do Purgatório, Virgílio descreve o anjo de Deus voando com a nave dos salvados: “*Vedi che sdegna li argomenti umani, / sì che remo non vuol, né altro velo / che l'ali sue, tra liti sì lontani*” (Purg. II, 31-33) (Veja [o anjo] que desdenha os instrumentos humanos tanto que não quer nem os remos nem outra vela, mas apenas as suas asas entre lugares tão longínquos). Segundo a letra, o anjo vai da foz do Tevere ao Purgatório transportando as almas, e aqui ele não precisa de instrumentos (“*argomenti*”) humanos como os remos, mas somente de suas asas “*che non si mutan come mortal pelo*” (que não mudam como o pelo mortal), que são eternas. Nesse trecho, o “remo” remete aos “remos” de Ulisses, elevados às asas para realizar o voo maluco. Muitas das palavras do monólogo de Ulisses ressoam ao longo de todo o poema, como “mar”, “lenho” “curta fala”, “água”, “voo”, “maluco/doido”, entre outras, em um confronto contínuo entre a viagem de Ulisses e a viagem do personagem-poeta. Dentro de um sistema intertextual, Dante utiliza a mesma palavra em lugares diferentes do poema para criar, em alguma

2. É a última visão do mistério que trata da encarnação do Filho. “*Quella circulazion che sì concetta / etc.*”. Veja-se também a palavra “*congetto*” ao verso 122, ou seja, a concepção ou a mente que retém).

medida, vínculos ricos de alusões e chamados e diversos graus de significado. As palavras do penúltimo verso do canto de Ulisses, “e la porta ire in giù com’altrui piacque” (“sorveu a proa, como a alguém apraz”) (Inf. XXVI, 141), são retomadas no primeiro canto do Purgatório: “Quivi mi cinse sì com’altrui piacque:” (Purg. I, 133) (Aqui [ele] me cingiu como a alguém apraz). Aqui, o “outro”, ou “alguém”, segundo a letra, refere-se a Catão, mas em última instância remete a Deus como no caso de Ulisses. Assim, enquanto para Ulisses “alguém / outro” fez morrer ele e seus companheiros, o mesmo “alguém / outro” prepara o poeta-personagem para a viagem de purificação no Purgatório. “A extraordinária novidade de Dante – segundo Pertile (2010: 19) – é que deste tema religioso e didático ele faz poesia, e a poesia transforma o seu sujeito”. Não se trata tanto de uma metamorfose do assunto, mas de uma diferença no modo de visar, de dizer a respeito do sujeito, do homem. Pertile, ainda observa que a novidade radical tem a ver com a representação do sofrimento:

As torturas dos pecadores não são mais o objeto exclusivo nem principal da atenção do poeta; são, em vez, os pecadores mesmos, que com as próprias personalidades complexas, atormentadas, trágicas, tomam forma sob os seus olhos ou, para melhor dizer, sob a sua caneta. (Pertile, 2010: 19)

O espetáculo estético que sobressai ao ler a Comédia é essa alta capacidade do poeta em envolver o leitor a segui-lo ao longo da viagem descobrindo individualidades únicas, cuja humanidade e paixões são mantidas pelo poeta. O deslocamento de perspectiva permite ao poeta criar uma poesia cujo enfoque não é tanto o pecado, a pena ou o prêmio, mas a pessoa que o poeta-personagem encontra, proporcionando para o leitor uma sequência narrativa farta de imagens. Assim, através da caneta, o poeta transforma em escrita a sua imaginação, desvelando toda a peculiaridade individual, ainda viva e única, do personagem.

2. Muitas vezes o *Lager* nazista foi comparado ao inferno dantesco por analogia com o grande horror que sobressai pelos testemunhos orais e escritos que chegaram até nós. Todavia, há uma grande diferença entre os dois infernos. Enquanto o inferno dantesco é fruto da grande imaginação do poeta italiano, o *Lager* é um campo de extermínio pensado e construído pelos homens para a “fabricação de cadáveres” (Arendt apud Pertile, 2010: 21). A necessidade de escrever sobre si e sobre os acontecimentos é afirmada por Levi no prefácio do livro *É isto um homem?*:

A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior. (Levi, 1988: 7-8)

Essa necessidade de escrever surge da consciência do interesse que Levi tem para com os “outros”, para que qualquer pessoa e todo mundo saibam o que aconte-

ceu a fim de que seja evitada a repetição da mesma injustiça. Daí a necessidade de afirmar a sobrevivência e o testemunho sobre as atrocidades vistas e sofridas. Mas não é apenas o relato ou a denúncia que move Levi a escrever, até porque muitos foram os livros escritos sobre o tema logo depois do fim da guerra. Para Levi, o livro “não foi escrito para fazer novas denúncias; poderá, antes, fornecer documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana” (Levi, 1988: 7). Ao que tudo indica, o motivo mais forte é fornecer documentos para estudar o sistema de pensamento e as convicções que levaram ao extermínio de milhões de pessoas. Mas por que Dante é tão presente na origem da escrita leviana? O mesmo Levi nos conta, em uma entrevista que:

Preferia a química. Ficava com tédio nas aulas de teoria poética, de estrutura do romance ou coisas desse tipo. Mas, quando chegou a hora e tive que escrever “É este um homem?”, e na época tinha de verdade a necessidade patológica de escrevê-lo, encontrei dentro de mim uma espécie de “programa”. Tratava-se daquela mesma literatura que tinha estudado, mais ou menos com relutância, daquele Dante que fui obrigado a ler no ensino médio. (Levi, 1997: 66)

Em Dante, Levi encontra o modelo ou a figura de referência para pensar a própria escrita, uma “espécie de programa”, como ele mesmo afirmou. Mais preocupado em indagar o sistema de pensamento que levou àquilo que viu e viveu em primeira pessoa, Levi bebe no poço da literatura para escrever o drama histórico e pessoal de forma límpida e clara, simples e direta.

No capítulo “A viagem”, Levi conta de quando foi detido e como foi a viagem no comboio que o levou para o campo de extermínio, rumo ao inferno, ao nada. Uma atmosfera terrível e anunciadora da morte iminente perpassava o campo de concentração italiano (uma espécie de limbo) na noite antes da viagem, “e todos compreenderam que olhos humanos não deveriam assistir, nem sobreviver a uma noite dessas” (Levi, 1988: 13). Entre os vários relatos, Levi conta como a família do velho Gattengo, originária de Trípoli, preparou-se para a viagem do dia seguinte, rezando e chorando durante toda a noite, e comenta:

Muitos de nós ficaram na frente daquela porta; desceu dentro de nossas almas, nova para nós, a dor antiga do povo sem-terra, a dor sem esperança do êxodo, a cada século renovado. (Levi, 1988: 14)

Uma viagem sem esperança, um êxodo, porém não rumo a outra terra, outro *nós*, mas rumo ao nada. Uma viagem que remete textualmente àquela dos danados transportados para além do rio em direção à entrada do inferno dantesco. E ao chegar ao destino, o soldado alemão:

Ligou uma lanterna de mão, e, em vez de gritar: “Ai de vós, almas danadas!” perguntou gentilmente, um a um, em alemão e em francês, se tínhamos relógios ou dinheiro para dar-lhe; de qualquer modo, já não nos serviriam para nada. Não se tratava de uma ordem nem de um regulamento, mas visivelmente de uma pequena iniciativa pessoal do nosso Caronte.³ Isso causou entre nós raiva, riso, e um estranho alívio. (Levi, 1988: 19)

Entretanto, ao retomar a imagem do “caronte” do inferno dantesco, Levi marca as diferenças entre o imaginário dantesco e o que foi vivenciado por si. À diferença do Caronte dantesco, o soldado alemão provoca “raiva, riso e um estranho alívio”. Em Dante podemos observar que a mesma palavra ou a mesma frase é usada com sentidos diferentes nos diversos cantos, como vimos com “*com'altrui piacque*” (como a alguém apraz) no caso de Ulisses e do anjo do Purgatório, quase a delinear uma metamorfose daquilo que foi visado ao longo do poema a fim de traçar a diferente viagem do protagonista-poeta rumo ao Paraíso. Entretanto, em Levi, as referências dantescas assumem uma metamorfose para que, na escrita, construam o testemunho e o sentimento que o autor tinha na vivência das atrocidades e aquele que tem agora no ato de escrever.

No capítulo que Levi nomeia “O canto de Ulisses”, o autor conta sobre o que aconteceu na pequena viagem com Jean, o Pikolo, para ir até a cozinha do campo e retirar a sopa em um “panelão de cinquenta quilos seguro nas alças” (Levi, 1988: 113). Uma viagem de um quilometro que durante a ida era agradável, por não ter carga a ser transportada. A ocasião, conta Levi, deu a possibilidade de dialogar com Jean sobre as suas casas, suas mães, suas leituras e seus estudos. Foi nesse diálogo que Jean mostrou interesse em aprender o italiano e Levi se prontificou imediatamente a ajudar. “O canto de Ulisses. Quem sabe como e por que veio-me à memória” (Levi, 1988: 114). É assim que Levi começa o relato e depois continua recitando o canto. Levi não se lembra do canto todo, mas somente de alguns trechos. E, conforme escreve em *I sommersi e i salvati* (1987: 651-822), são essas poucas palavras, que:

Lá, naquele momento, valiam muito. Permitiam-me restabelecer uma ligação com o passado, salvando-o do esquecimento e fortalecendo minha identidade. Convenciam-me de que a mente, apesar de premiada pelas necessidades cotidianas, não tinha deixado de funcionar. Promoviam-me a meus olhos e aos olhos de meu interlocutor. Concediam-me um descanso efêmero mas não embotado; ao contrário, libertador e diferencial: um modo, em suma, de reencontrar a mim mesmo. (Levi, 2004: 119)

Assim, durante a sofrida detenção no *Lager*, a literatura infernal dantesca, ao ser lembrada, concede a possibilidade ao autor de reencontrar a si mesmo e por um átimo, embora efêmero, nutrir ainda uma esperança de vida. Entretanto, o mito de Ulisses dantesco é reinterpretado por Levi, que faz dele o herói épico, e embora condenado

.....
3. No texto original, o nome está em minúsculo.

por Dante, permanece um herói que não se submete e desafia no momento em que parece sucumbir. Um dos trechos que comovem Levi é o seguinte:

“Ma misi me per l’alto mare aperto”.

Eu me meti pelo alto-mar aberto. (...)

“Mar aberto”. “Mar aberto”. Sei que rima com *diserto*. (...) *quella compagna – picciola, dalla qual non fui diserto* (junto à pequena e fraternal tripulação – pela qual nunca fui abandonado), mas não lembro se esse verso vem antes, ou depois. E até a viagem, a viagem temerária além das Colunas de Hércules, que pena, tenho que contá-la em prosa: um sacrilégio. Só consegui salvar um verso, mas vale a pena demorar-nos um pouco nele: *Acciò che l’uom più oltre non si metta*

para que além o homem não se⁴ meta. *Si metta*: precisei entrar no Campo de Concentração para me dar conta⁵ de que é a mesma expressão de antes: *e misi me*. (Levi, 1988: 115)

O Ulisses dantesco é reviravolteado por Levi. Para ele, o condenado por Dante não é um herói que empreende um “voo louco” – tanto que este verso não é citado por ele –, mas é um herói magnânimo que quer ser livre de explorar o mundo indo além das barreiras impostas. Na lembrança, no testemunho e na escrita, Levi se identifica com o Ulisses dantesco que põe a si mesmo no mar aberto e se as recordações do que tinha antes do campo de extermínio podiam enfraquecer, a lembrança do herói, via literatura, permite que ele reencontre a si mesmo. Para combater aquela situação, Levi faz apelo aos versos sobre a necessidade de seguir “virtude e conhecimento”, que não é, como em Dante, um apelo enganoso, mas ao contrário, trata-se de um apelo para recuperar a própria dignidade de homem contra a brutalidade. Assim escreve Levi:

Cuidado, Pikolo, abre os ouvidos e a mente, eu preciso que compreendas:

“Considerate la vostra semenza:

*Fatti non foste a viver come bruti,
ma per seguir virtute e canoscenza”*.⁶⁻⁷

É como se eu também ouvisse isso pela primeira vez: como um toque de alvorada, como a voz de Deus. Por um momento, esqueci quem sou e onde estou.

Pikolo me pede para repetir esses versos. Como ele é bom: compreendeu que está me

4. Na tradução é estampado *me*, evidente erro de impressão ou de tradução. As grafias em itálico são da tradução. Quando na tradução aparece um evidente erro de impressão ou de tradução, alterei o texto para uma melhor leitura, sinalizando em nota a relativa alteração. Tal modificação tem seu suporte na edição italiana indicada em bibliografia.

5. Na tradução é estampado *contar*.

6. Na tradução é estampado *virtude e conoscenza*.

7. “Relembrai vossa origem, vossa essência: / criados não fostes como os animais, / mas donos de vontade e consciência” (trad. Cristiano Martins).



ajudando. Ou talvez seja algo mais: talvez (apesar da tradução pobre e do comentário banal e apressado) tenha recebido a mensagem, percebido que se refere a ele também, refere-se a todos os homens que sofrem e, especialmente, a nós: a nós dois, nós que ousamos discutir sobre estas coisas, enquanto levamos nos ombros as alças do rancho. (Levi, 1988: 116)

Como se alguém lhe falasse por meio de Ulisses. Eis que se apresenta outra metamorfose do Ulisses dantesco na escrita leviana: se para Dante a invocação de Ulisses é uma fala traiçoeira, que induz os companheiros a segui-lo no “voo louco” e, em alguma medida, fomenta a prevaricação das capacidades intelectivas humanas, porque pretende alcançar a realidade divina apenas com suas forças, para Levi a voz do poema dá uma mensagem que “refere-se a todos os homens que sofrem e, especialmente, a nós” (Levi, 1988: 116). Não uma *hybris*, então, mas um ato de esperança. O desfecho, também, remete a uma transformação do Ulisses dantesco:

É tarde já, é tarde, chegamos à cozinha, vou ter que concluir:

“*Tre volte il fé’ girar con tutte l’acque;
e la quarta levar la poppa in suso
e la prora ire in giù, com’ altrui piacque.*”⁸

Seguro Pikolo, é absolutamente necessário e urgente que escute, que compreenda o que significa esse “*come altrui piacque*”, antes que seja tarde demais: amanhã, ou ele ou eu poderemos estar mortos ou não nos rever nunca mais, devo falar-lhe, explicar-lhe o que era a Idade Média, esse anacronismo tão humano e necessário e no entanto inesperado, e algo mais, algo grandioso que acabo de ver, agora mesmo, na intuição de um instante, talvez o porquê do nosso destino, do nosso estar aqui, hoje... (Levi, 1988: 117)

O que interessa Levi de modo primário é entender o porquê do estar condenado à morte, de estar em um campo de extermínio sem ter nenhuma culpa, é entender o “porquê do nosso destino, do nosso estar aqui, hoje”. Entretanto, Ulisses se torna o símbolo do herói moderno que desafia a barreira imposta pelos carnífices e pela tradição. E desafia os vários Alex, os *Kapos*, que exibiam:

Um arrogante desprezo para com seus químicos esfarrapados e famintos: – *Ihr Doktoren! Ihr Intelligenten!* (Vocês doutores! Vocês inteligentes!) – debochava cada dia, ao ver-nos nos atropelando, estendendo as gamelas, na hora do rancho. (Levi, 1988: 112)

Na escrita leviana, o Ulisses do inferno dantesco representa o prisioneiro judeu do *Lager* e é justamente a retomada da literatura enquanto palavra que, de alguma forma, permite a Levi respirar fundo e conceder um olhar de esperança para o mar da

.....

8. “Por três vezes levou-o de roldão; / na quarta, a popa ergueu, e mergulhou / no fundo a proa, à suma decisão” (trad. Cristiano Martins)

dor inefável, inexpressível, indescritível. O desfecho do capítulo retoma o desfecho da viagem de Ulisses, “*infin che'l mar fu sovra noi richiuso*”. (Até que o mar fechou-se sobre nós) (Levi, 1988: 117). É o mar das vozes da “multidão sórdida e esfarrapada dos carregadores de sopa dos outros *Kommandos*” (Levi, 1988: 117) em que submergem os dois amigos do mesmo modo com que o mar cobriu Ulisses e seus companheiros. Como Dante fez com o Ulisses de Homero, de alguma forma, Levi metamorfoseia o mito de Ulisses de Dante e o mar das vozes não é a última palavra, a morte, mas, ao contrário, com a entrega da sopa a onda de esperança violenta e fugaz de sobreviver continua. A ligação, tanto procurada por Levi e frustrada em sua memória, de “poder ligar “*non ne avevo alcuna*” [não tinha alguma] com os versos finais” (Levi, 1988: 117), aparece, ao leitor atento, como a tentativa do autor de salvar aquelas lembranças para defender a sua própria identidade e entender a razão de estar no campo de extermínio.

A palavra simples e direta do texto leviano nos mostra que a palavra dantesca é retomada e atualizada pela experiência do autor, que é, antes de mais nada, uma experiência de leitura e interpretação, à luz dos acontecimentos narrados. A escrita leviana nos testemunha que o infinito mar do ser nos deixou um naufrago que nos conta e dá testemunho do incomunicável e inenarrável, para que, ao compartilhar, na leitura e na escuta de suas palavras, possamos lembrar e fazer a experiência que acontece graças à literatura. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Trad. e notas de Cristiano Martins. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

_____. *Commedia*. Introdução, cronologia, bibliografia e comentário de Anna Maria Chiavacci Leonardi. 3 v. Milâno: Mondadori, 1991.

GUSDORF, Georges. *Mito e metafísica*. Trad. Hugo di Pré-mio Paz. São Paulo: Editora Convívio, 1980.

LEVI, Primo. *Se questo è un uomo. La tregua. Il sistema periodico. I sommersi e i salvati*. In: *Opere*, v. I. Torino: Einaudi, 1987.

_____. É isto um homem? Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

_____. *The Literary Review*, nov. 1985. In: *Conversazioni e interviste 1963-1987*, a cura di Marco Belpoliti. Torino: Einaudi, 1997.

_____. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PERTILE, Lino. *L'inferno, il lager, la poesia*. Pisa-Roma: Fabrizio Serra Editore, 2010.

.....